

METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS COM JUVENTUDES: CONSTRUINDO CAMINHOS PARA INVESTIGAR PRÁTICAS SOCIOESPACIAIS A PARTIR DA OCUPAÇÃO DO VIADUTO HÉLIO FADEL (JF/MG)

Clarice Cassab¹

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
Juiz de Fora, MG, Brasil



Fernanda Felício Porto²

Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)
Juiz de Fora, MG, Brasil



Enviado em 19 nov. 2024 | Aceito em 9 dez. 2025

Resumo: Este artigo discute a construção de metodologias participativas aplicadas à investigação das práticas socioespaciais juvenis, a partir da ocupação cultural do viaduto Hélio Fadel, em Juiz de Fora (MG). O objetivo é apresentar e refletir sobre um percurso metodológico que valorize o protagonismo juvenil na pesquisa em Geografia. A investigação foi desenvolvida ao longo de dois anos, combinando observação participante, diários de campo, registros fotográficos, conversas informais e cartografia social. Esses recursos metodológicos possibilitaram identificar indícios de territorialização, sociabilidade e ressignificação do espaço urbano, expressos em práticas como *graffiti*, batalhas de MCs, *breaking* e rodas de conversa. A principal contribuição do estudo reside na sistematização reflexiva dessas metodologias, evidenciando seu potencial para ampliar os referenciais da Geografia das Juventudes e subsidiar análises futuras sobre a produção juvenil da cidade.

Palavras-chave: juventudes, metodologias participativas, geografia das juventudes

PARTICIPATORY METHODOLOGIES WITH YOUTH: BUILDING PATHS TO INVESTIGATE SOCIO-SPATIAL PRACTICES BASED ON THE OCCUPATION OF THE HÉLIO FADEL VIADUCT (JF/MG)

Abstract: This article discusses the construction of participatory methodologies applied to the investigation of youth socio-spatial practices, based on the cultural occupation of the Hélio Fadel viaduct in Juiz de Fora (MG). The objective is to present and reflect on a methodological approach that values youth leadership in Geography research. The research was developed over two years, combining participant observation, field diaries, photographic records, informal conversations, and social cartography. These methodological resources made it possible to identify signs of territorialization, sociability, and the re-signification of urban space, expressed in practices such as graffiti, MC battles, breaking, and conversation circles. The main contribution of the study lies in the reflective systematization of these methodologies, highlighting their potential to broaden the references of Youth Geography and support future analyses of youth production in the city.

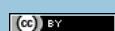
Keywords: Youth, participatory methodologies, youth geographies

MÉTHODOLOGIES PARTICIPATIVES AVEC LES JEUNES: CONSTRUIRE DES VOIES POUR ÉTUDIER LES PRATIQUES SOCIO-ESPATIALES À PARTIR DE L'OCCUPATION DU VIADUCTE HÉLIO FADEL (JF/MG)

Resumen: Cet article traite de la construction de méthodologies participatives appliquées à la recherche sur les pratiques socio-spatiales des jeunes, à partir de l'occupation culturelle du viaducte Hélio Fadel, à Juiz de Fora (MG). L'objectif est de présenter et de réfléchir sur un parcours méthodologique qui valorise le rôle central des jeunes dans la recherche en géographie. La recherche a été menée sur deux ans, combinant observation participante, carnets de terrain, enregistrements photographiques, conversations informelles et cartographie sociale. Ces ressources méthodologiques ont permis d'identifier des indices de territorialisation, de sociabilité et de redéfinition de l'espace urbain, exprimés dans des pratiques telles que le graffiti, les battles de MC, le breakdance et les cercles de conversation. La principale contribution de l'étude réside dans la systématisation réflexive de ces méthodologies, mettant en évidence leur potentiel pour élargir les références de la géographie de la jeunesse et alimenter les analyses futures sur la production juvénile de la ville.

Mots-clés: jeunesse, méthodologies participatives, géographie de la jeunesse

1. Doutora em Geografia pela Universidade Federal Fluminense. Líder e pesquisadora do Núcleo de Pesquisa Geografia, Espaço e Ação (NuGea) e da Rede de Estudo sobre Juventudes e suas Práticas Espaciais (REJUPE). E-mail: clarice.cassab@ufjf.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0884-5078>.
2. Psicóloga. Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: fernandaafporto@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9059-0205>.



Introdução

Ao longo de dois anos, acompanhamos uma série de eventos promovidos pelo coletivo Espaço Hip Hop em Juiz de Fora, Minas Gerais³, que revitalizaram a cena do Hip Hop, atraindo centenas de jovens de diferentes partes da cidade para o espaço sob um viaduto central, configurando um significativo movimento juvenil na cidade. Interessava-nos compreender esse processo e, para tanto, foi preciso pensarmos metodologias que pudessem apreendê-lo e tivessem como referência o deslocamento em relação às formas tradicionais de se estudar as juventudes.

Isso se dá porque a produção acadêmica em Geografia, não raro, ainda opera com metodologias que tornam as juventudes objetos de estudo e não sujeitos ativos na construção do conhecimento sobre seus territórios. Este artigo propõe discutir não apenas “o que” se estuda, mas “como” se estuda as juventudes urbanas.

Nosso objetivo é apresentar e refletir sobre a construção de uma abordagem metodológica participativa e reflexiva, desenvolvida para investigar as práticas socioespaciais ocorridas com e pela ocupação do viaduto. O problema de pesquisa que orientou nossa trajetória foi: como desenvolver metodologias de pesquisa em geografia que efetivamente capturem a agência espacial das juventudes, reconhecendo-as como produtoras de conhecimento e de cidade, para além de categorias pré-estabelecidas?

A lacuna que buscamos preencher é dupla: metodológica e epistemológica. Metodologicamente, embora técnicas como observação participante e diários de campo sejam consagradas, sua articulação visando especificamente o protagonismo juvenil no processo de investigação ainda é um campo em construção na Geografia brasileira. Epistemologicamente, propomos um deslocamento: em vez de aplicar um método sobre os jovens, construímos um caminho com eles, onde suas intencionalidades e leituras de mundo orientaram a investigação. Buscamos mostrar como escolhas metodológicas participativas e dialógicas contribuem para ampliar a compreensão das práticas juvenis como produtoras da cidade.

Ressaltamos que este texto focaliza o desenho e a aplicação metodológica. Trata-se de um exercício de autorreflexão que visa contribuir para a consolidação de um corpo metodológico mais crítico e criativo para a Geografia das Juventudes. A metodologia trabalhada combina observação participante, diários de campo, registros fotográficos e cartografia, articulando-os de forma integrada e reflexiva. Mais do que a aplicação de técnicas consagradas, buscamos evidenciar como sua conjugação foi orientada pela centralidade dos jovens no processo investigativo, reconhecendo-os como sujeitos ativos na produção do espaço e como coautores de um conhecimento geográfico que se constrói de modo dialógico.

A apresentação e discussão do percurso metodológico mostram-se relevantes porque permitem dar visibilidade não apenas às técnicas utilizadas, mas ao modo como foram articuladas e adaptadas às especificidades do campo juvenil, marcado pela fluidez, criatividade e constante negociação de posições. Detalhar esse percurso contribui para explicitar os desafios enfrentados, os ajustes necessários e as estratégias construídas no contato com os jovens, reconhecendo a pesquisa como prática situada, relacional e em permanente transformação. Além disso, entendemos que

³ A pesquisa que originou este artigo, intitulada “Dos espaços-mortos à produção do lugar? Juventudes, planejamento urbano e outros usos da cidade”, contou com o financiamento da FAPEMIG, a quem agradecemos, e realizou-se entre 2022 e 2024, no âmbito do NuGea-UFJF.

compartilhar caminhos metodológicos constitui um esforço de consolidação de propostas para a pesquisa com juventudes na Geografia, ampliando o repertório de abordagens disponíveis ao campo e dialogando com outros trabalhos que têm se dedicado a esse objetivo (Cassab, 2023; Turra Neto, 2004, 2010, 2011).

É nesse horizonte que apresentamos, a seguir, as estratégias e recursos metodológicos mobilizados, bem como os desdobramentos que sua aplicação trouxe para o trabalho em campo. Esperamos, assim, contribuir para a consolidação do entendimento de que é necessário criar um campo de interlocução e diálogo com os sujeitos estudados, desafiando-nos a repensar nossas técnicas tradicionais de pesquisa.

O ponto de partida: a definição do método e a captura da paisagem

Para operacionalizar nosso objetivo, adotamos a tríade conceitual paisagem-território-espaço (Moreira, 2007, 2012) como eixo estruturador. Nosso ponto de partida foi a paisagem do vão do viaduto: seus *graffitis*, a sonoridade, a disposição dos corpos, os equipamentos improvisados. O desafio era transitar dessa descrição inicial para a compreensão do território, o domínio do espaço pelo coletivo e, finalmente, para o espaço como produto social denso e contraditório.

Nesse contexto, a definição do método constitui o eixo estruturador da pesquisa, orientando de maneira sistemática cada etapa do trabalho e legitimando as escolhas metodológicas. Ele assegura coerência entre os objetivos investigativos e os procedimentos adotados, orientando a seleção das técnicas e estratégias mais adequadas para coleta, análise e interpretação dos dados. Assim, o percurso metodológico se desenvolve de forma articulada, permitindo transitar do visível da paisagem ao espaço denso e qualificado, mediado pela categoria do território, conforme a tríade proposta por Moreira (2007, 2012).

Enquanto o ponto de partida é a imersão na experiência concreta dos jovens, o ponto de chegada é a experiência interpretada pelo pensamento, tendo a ciência geográfica como campo epistemológico. Sendo assim, nos interessa apreender o real como espaço, reconhecendo como, na realidade estudada,

o espaço, através do arranjo das localizações e distribuições que a sociedade cria para organizar territorialmente o modo estrutural de arrumar-se de suas relações, interfere então como elemento regulador dessa reprodutibilidade estrutural, retroagindo sobre a sociedade que o produz numa determinação ao revés (Moreira, 2012, p. 31).

Embora essa afirmação possa parecer desnecessária, ela define uma posição, em que os conceitos e categorias espaciais que constituem a ciência geográfica são essenciais para compreender as juventudes e suas práticas socioespaciais. É deste lugar que pretendemos contribuir para a construção de um campo na Geografia que busca apreender as juventudes em sua dimensão espacial (Cassab, 2009, 2021, 2025a). Para isso, a adoção de um método coerente e a escolha adequada das categorias, conceitos e metodologias são fundamentais.

Compreendemos que, ao partir do real concreto para alcançar o real pensado por meio da interpretação mediada por categorias e conceitos, nosso olhar deve ser orientado em um percurso que vai de dentro para fora e de novo para dentro, de modo que nos movimentemos pela tríade proposta por Moreira (2007, 2012): paisagem-território-espaço. Nela, a paisagem é o “imediato da percepção”, o território “o domínio do espaço” e o espaço como “denso-concreto-qualificado” (Moreira, 2012, p. 205).

Para o autor, do ponto de vista da representação geográfica do mundo, tudo se inicia na “categoria da paisagem, mas se explicita na categoria do espaço, mediada na categoria do território”. Desse modo, prossegue: “analisar espacialmente o fenômeno, implica, antes descrevê-lo na paisagem e a seguir analisá-lo em termos de território, a fim de compreender-se o mundo como espaço” (Moreira, 2007, p. 116).

A participação ativa nos eventos de Hip Hop, ocorridos no viaduto, portanto, teve como intenção a captura, no plano do visível, dos arranjos espaciais – políticos, econômicos, culturais e simbólicos – que davam forma àquela paisagem. Interessava-nos sobretudo distinguir na paisagem os elementos que expressavam a juventude e suas práticas socioespaciais, ações cujas grafias são vistas e apreendidas na paisagem pela observação atenta do arranjo de objetos e das relações neles contidas.

É o corpo dançante sobre a pista de *breaking*, os *graffitis* que colore as pilastras e muros do viaduto, as rodas de batalhas, as vestimentas, o comportamento, os grupos de reconhecimento e tantas outras marcas que sinalizam aquele como um território da juventude e, desse modo, como um recorte do espaço demarcado a partir de suas práticas socioespaciais e marcado por identidades e apropriações.

Alcançar tal objetivo exige, antes de tudo, a apreensão dos sujeitos produtores da paisagem, do território e do espaço. Sobre esse aspecto, “a visão de mundo dos atores sociais está implicada em todo o método, desde a concepção do objeto até o resultado final do trabalho de investigação” (Cardoso; Carvalho, 2018, p. 191). Em nossa pesquisa, tal concepção orientou a escolha metodológica de forma que ela pudesse se articular diretamente à concepção de que o espaço não é apenas um cenário, mas resultado das práticas e relações que nele se desenvolvem, revelando o protagonismo das juventudes na produção da cidade.

Sendo este o método, as metodologias acionadas visavam construir caminhos que possibilitassem a operacionalização da tríade paisagem-território-espaço. Para realizar essa travessia, não bastavam metodologias tradicionais de extração de dados. Era necessário um arsenal metodológico que permitisse uma imersão profunda e dialógica e que nos possibilitasse capturar aquilo que estava para além da paisagem.

Para isso, a pesquisa iniciou-se pela observação da paisagem através do acompanhamento de todos os eventos organizados pelo coletivo Espaço Hip Hop, no vão do viaduto Hélio Fadel. A ocupação do vão no centro da cidade deu novos usos a um espaço potencialmente morto. Baixios de viaduto são normalmente vistos como lugares indesejados da cidade, mas neles também “existe a possibilidade do estabelecimento de vínculos, uma vez que são espaços públicos pertencentes à cidade e se transformam de acordo com o uso e permanência das pessoas” (Guillén, 2019, s.p).

Jovens deram uso e vida a ele ao levarem arte, festa e política para aquele local, transformando-o em um local de ocupação e celebração da cultura Hip Hop e da juventude, sobretudo da juventude periférica da cidade (Cassab, 2025a). Até o término deste trabalho, foram realizados 19 eventos, de dezembro de 2021 a setembro de 2024, com periodicidade de um a dois meses, ocorrendo aos domingos e abrangendo atividades plurais, como apresentações, aulas e rodas de conversa; jurados e mediadores de batalhas; modalidades diversas, incluindo beat, *all style*, *tag* e *breaking*; MCs; mic aberto; *pocket shows*; skate; basquete; *graffiti*; colagem de lambe; *slam*; varais de arte; fotografia; bazares; barbearia; parcerias e patrocínios; e venda de comidas, bebidas e produtos para autofinanciamento. Dentre os frequentadores, predominam jovens, interlocutores da nossa pesquisa, que nos desafiaram a pensar em metodologias capazes de engajá-los de maneira efetiva em todo o processo de investigação.

Seguindo o método proposto, o primeiro movimento foi o reconhecimento e interpretação da paisagem a partir da observação e apreensão dos elementos que permitiam capturar a presença da juventude. *Graffitis* e adaptações na estrutura física do local, ajustando-o, ainda que de forma limitada, às práticas relacionadas ao Hip Hop, foram as primeiras marcações observadas. Da paisagem, seguiu-se o aprofundamento no real pesquisado, de forma a apreender os processos de territorialização que levaram à produção de um território da juventude e do Hip Hop em Juiz de Fora.

Passar da descrição do visível da paisagem “à compreensão da estrutura invisível do espaço” (Moreira, 2007, p. 109) era o desafio. A observação participante, nos permitiu imergir nos eventos de Hip Hop, participando ativamente das atividades, experiências e emoções vividas pelos jovens que ocupavam o viaduto, sem perder a postura analítica e reflexiva sobre o que se observava.

Imersão no campo e o posicionamento das pesquisadoras: a juventude como ponte e desafio

Por meio do trabalho de campo é possível apreender um fenômeno em toda sua complexidade, pois a vivência prática torna mais evidentes as contradições do objeto de estudo, permitindo que sejam decifradas e compreendidas. Além disso, o campo, como um espaço dinâmico, levanta novos questionamentos e elementos que antes poderiam passar despercebidos. Nesse sentido, o campo de pesquisa é não apenas um local de coleta de informações, mas também de construção de conhecimento, o que contesta olhares já enrijecidos e conduz a novos direcionamentos e à elaboração de novas questões que possam ser pertinentes à pesquisa e aos seus objetivos.

A necessidade de abordar tais questões para o desenvolvimento da pesquisa nos levou a um trabalho contínuo de reconhecimento de hipóteses que, por vezes, não se confirmaram na prática, além de erros que surgiram ao longo do processo e dificuldades inesperadas. Isso porque, como ressalta Minayo (2004, p. 235):

(...) não é o campo que traz o dado, na medida em que o dado não é ‘dado’, é ‘construído’. É fruto de uma relação entre as questões teoricamente elaboradas e dirigidas ao campo e num processo inconcluso de perguntas suscitadas pelo quadro empírico às referências teóricas do investigador.

No entanto, não bastava apenas estar presente, era essencial uma reflexão contínua para desenvolver metodologias que permitissem captar a riqueza das interações entre os jovens naquele espaço, bem como as relações que estabeleciam com ele. Nesse sentido, recorremos a uma combinação de recursos metodológicos: a observação participante, que possibilitou vivenciar diretamente os eventos; os diários de campo individuais e coletivos, que registraram percepções e reflexões do vivido; os registros fotográficos, que captaram expressões e marcas na paisagem e a cartografia, que permitiu mapear trajetórias e territorialidades dos jovens. Essa conjugação de técnicas tornou mais visíveis dimensões das práticas socioespaciais que não emergiriam apenas pela permanência em campo.

Além disso, foi crucial promover um diálogo genuíno com aqueles com quem estávamos pesquisando. Assim, desde o início, entrar em campo com os jovens foi uma condição fundamental para a realização da investigação. Para Ranci (2005), a relação com os sujeitos não é apenas inevitável, como também transforma o “ato de conhecer.” Segundo o autor, é fundamental reconhecer o sujeito informante como uma figura influente e essencial na construção do processo investigativo e do conhecimento resultante. Desta relação “emergem definições e interpretações sobre o campo, igualmente relevantes para o conhecimento do fenômeno estudado” (Ranci, 2005, p. 44).

Buscando construir essa relação com os jovens, optamos pela adoção da observação participante como metodologia central na investigação. Isso se deu porque entendemos que ela reúne características que atendiam ao objetivo de nossa pesquisa, como a centralidade que desejávamos dar aos jovens no processo de produção coletiva dos dados.

Trata-se de uma metodologia de pesquisa qualitativa, que envolve a imersão direta no contexto estudado, interagindo com os participantes e experienciando o cotidiano de forma ativa. Nesse aspecto, ela oferece uma visão direta das práticas culturais e sociais dos jovens, o que permite observar comportamentos, interações sociais e dinâmicas do grupo em tempo real. Ao participar ativamente dos contextos estudados, são construídas relações de confiança que possibilitam uma produção de dados mais rica e detalhada. Além disso, por ser adaptável, tal metodologia permite ajustes ao longo do processo, de acordo com as necessidades ou descobertas emergentes durante a pesquisa.

Ao nos envolvermos nos eventos, pudemos testemunhar as dinâmicas dos jovens participantes, as interações sociais e as expressões artísticas em tempo real. Desse modo, a interação direta e prolongada ofereceu a compreensão mais profunda das realidades sociais, culturais e emocionais e, conseqüentemente, a captura das práticas e comportamentos muitas vezes não verbalizados pelos jovens.

Tais práticas incluem expressões corporais que comunicavam sentidos de pertencimento e disputa, como os gestos e performances nas batalhas de *breaking* e MCs; as marcas deixadas pelos *graffitis* nas pilastras e muros, que sinalizavam territorialidade e identidade coletiva e as estéticas juvenis materializadas em vestimentas, adereços e estilos corporais. Também foram significativos os modos de sociabilidade expressos na formação de rodas por pares de reconhecimentos, nos deslocamentos e na apropriação do espaço sob o viaduto, revelando lógicas próprias de convivência e pertencimento. Esses elementos, captados pela observação participante, sinalizavam o quanto a produção do espaço pelos jovens se materializava tanto em discursos quanto em gestos, usos e performances.

A observação participante, longe de ser uma prática simples, requer rigor na interação, observação, coleta e registro de dados. A imersão no campo demanda a adoção de um papel ativo no contexto estudado. Em nossa pesquisa, optamos por uma postura mais observacional, o que permitiu captar as sutilezas e os contextos de cada evento acompanhado. O reconhecimento dos jovens como sujeitos ativos no processo de pesquisa implicou, por sua vez, em um posicionamento das pesquisadoras também como sujeitos no campo, conscientes de que não estavam isentas da realidade ali presente, mas que a influenciavam e eram influenciadas por ela.

Minayo afirma que a “observação como um processo construído mutuamente e em interação. Em parte, o pesquisador define seu papel, em parte ele é definido pela situação e pela perspectiva dos atores locais” (Minayo; Costa, 2018, p. 147). Isso significa compreender que nossa presença não era neutra e trazia consigo uma distinção de posição no campo, tornando necessário considerar como éramos afetados pelo que May (2004), chama de “cena social”. Segundo o autor, é preciso reconhecer que a presença do pesquisador interfere na cena social observada. Os participantes, em geral, tendem a alterar suas práticas diante da presença de um sujeito externo, o que reforça a necessidade de explicitar de forma transparente os objetivos e intenções da pesquisa.

O processo demandou grande flexibilidade e a capacidade de adaptar nossas abordagens à medida que novas informações e compreensões surgiam, dada a natureza dinâmica do campo de estudo. Diversos momentos exigiram ajustes em resposta às mudanças e às necessidades emergentes, especialmente na abordagem aos jovens.

Segundo Ranci (2005), o jogo relacional que permeia a pesquisa social envolve necessariamente o encontro de diferentes sujeitos. Esse encontro pode gerar obstáculos decorrentes desse “jogo relacional”, o que significa que é fundamental incorporar o inesperado e o não previsível como parte do processo de pesquisa, provocados pelo duplo estranhamento entre as pesquisadoras e os “atores sociais”.

Para superar essas barreiras, foram desenvolvidas algumas estratégias. Inicialmente, evitou-se uma abordagem invasiva ou imediata, optando por uma aproximação mais gradual, à medida em que íamos construindo uma relação de confiança. A ideia era que nossa participação gradual nas atividades e interações dos jovens durante os eventos pudesse ajudar a diminuir barreiras e facilitar a aceitação das pesquisadoras no ambiente.

Assim, considerando a importância de uma etapa exploratória para a inserção e negociação da entrada das pesquisadoras em campo, a participação no primeiro evento foi direcionada à observação e compreensão do ambiente. Esse primeiro contato teve como objetivo avaliar a dinâmica do evento, familiarizar-nos com o contexto e estabelecer uma presença inicial. Ao “sentir o terreno” e “criar um rosto conhecido” entre os participantes, foi possível preparar o caminho para uma apresentação aos organizadores na segunda visita. Essa estratégia facilitou a introdução das pesquisadoras a alguns membros do coletivo, estabelecendo uma aproximação inicial que tornaria possível interações mais aprofundadas no segundo dia de campo.

Nesse segundo momento, deu-se a apresentação das pesquisadoras e da pesquisa aos organizadores e, por conseguinte, a solicitação verbal de licença para adentrar o campo. A apresentação foi realizada a partir da identificação de um dos organizadores e idealizadores do coletivo, que nos direcionou a outros membros. Após essas negociações com o coletivo, o terceiro evento marcou o início da apresentação do projeto aos frequentadores.

Com o passar do tempo, a presença contínua das pesquisadoras em campo fortaleceu a confiança com os membros do coletivo Espaço Hip Hop e com os próprios frequentadores, possibilitando o surgimento de novos e importantes elementos nas conversas que eram desenvolvidas. Em conformidade com Turra Neto (2004, p. 85), “a relação pessoal é a dimensão mais relevante para a aceitação no grupo. O pesquisador deve mostrar-se como pessoa, disposta ao diálogo e à convivência.” Nesse sentido, a permanência em campo foi fundamental para o estabelecimento da relação de confiança e proximidade das pesquisadoras com os jovens, mostrando genuíno interesse em suas experiências e opiniões.

Também é importante destacar que o grupo de pesquisadoras presentes no campo era composto por jovens, o que contribuiu para amenizar possíveis estranhamentos. Ser jovens facilitou enormemente o acesso e a construção de confiança, amenizando o “estranhamento” inicial. Havia um reconhecimento mútuo que permitia uma comunicação mais fluida dada pelo posicionamento geracional compartilhado pelas pesquisadoras com os jovens interlocutores. Deste modo, o fato de as pesquisadoras serem jovens favoreceu aproximações e diminuiu barreiras de acesso, uma vez que havia certo reconhecimento e identificação entre elas e os participantes dos eventos. A identificação geracional inicial operou, portanto, como um atalho para a construção de confiança, amenizando o estranhamento e a desconfiança comuns em situações de pesquisa.

O posicionamento geracional compartilhado entre pesquisadoras e participantes, contudo, não foi um mero acaso facilitador do acesso ao campo, mas uma dimensão metodológica crucial que conformou a produção do conhecimento. Compreendendo geração não como um simples estrato etário, mas como uma comunidade de experiência temporal que compartilha um mesmo *ethos* cultural e um lugar específico no processo histórico (Feixa; Leccardi, 2010),

argumentamos que essa pertença comum permitiu uma sintonia fina com os códigos, ritmos e significados do Espaço Hip Hop, viabilizando a captura de nuances das práticas socioespaciais juvenis que permaneceriam ou opacas, ou mais difíceis de serem apreendidas por um pesquisador de outra geração.

A posição geracional das pesquisadoras as tornou mais aptas a capturar essa dimensão efêmera e performática da experiência juvenil, porque, na esteira de Feixa (2014, p. 122), “as gerações não são estruturas compactas, senão apenas referentes simbólicos que identificam vagamente aos agentes socializados nas mesmas coordenadas temporais”. Deste modo, a compreensão das batalhas de rap, por exemplo, não era apenas sobre a letra, mas sobre a performance corporal. Similarmente, a leitura dos *grafittis* ia além da imagem, capturando seu significado como marca territorial de uma juventude específica. Essa competência geracional permitiu traduzir práticas corporais, estéticas e emocionais em dados geograficamente relevantes para a pesquisa.

Assim, ao contrário de tentar apagar sua condição juvenil em nome de uma suposta neutralidade científica, as pesquisadoras incorporaram-na criticamente como parte do instrumento de pesquisa. Seu olhar era, inevitavelmente, a de jovens mulheres academicamente formadas olhando para outras juventudes. Esse posicionamento específico define o que foi visto, como foi interpretado e que tipos de conhecimento foram produzidos. Em vez de ser um viés a ser eliminado, é uma condição de possibilidade do conhecimento produzido, uma vez que todo conhecimento é situado.

O método, no entanto, também exigiu uma reflexividade constante sobre os limites e as possibilidades abertas por essa posição geracional. Longe de naturalizar essa identificação, refletimos criticamente sobre ela. A condição de jovens pesquisadoras acadêmicas criava assimetrias inegáveis de classe, raça, gênero e capital cultural. Essa consciência nos obrigou a operar uma negociação constante de nosso lugar no campo, explicitando sempre nossos objetivos e reconhecendo que nossa presença alterava a dinâmica do local (May, 2004).

Essa reflexão contínua foi, ela própria, parte integrante do método, pois embora a imersão nos eventos fosse essencial para atender aos objetivos da pesquisa, nossa atuação se diferenciava da dos jovens organizadores e frequentadores. Além disso, era central que essa atuação fizesse sentido para eles, engajando-os ativamente no processo investigativo.

Por fim, é preciso relatar que a natureza do evento de promover interações sociais dinâmicas em um ambiente descontraído e festivo trouxe à tona um desafio adicional: a dificuldade na formalização de acordos, especialmente no que diz respeito à apresentação, leitura e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Muitas informações, que se revelariam relevantes ao longo do tempo, não eram percebidas de imediato. Além disso, a imprevisibilidade quanto ao número de participantes nas diversas situações tornava a coleta das assinaturas ainda mais complexa, assim como o caráter flexível da observação, que se adaptava à dinâmica do campo.

Em muitos momentos, os jovens participantes estavam profundamente envolvidos nas atrações, seja nas batalhas de rima, na dança ou nos *pockets shows*. Dessa forma, o uso do TCLE durante as conversas, observações e registros ao longo dos eventos se revelou mais como uma barreira de acesso aos jovens do que como um facilitador de diálogo e negociação no contexto da pesquisa.

É importante ressaltar, no entanto, que essas limitações não diminuem a relevância do TCLE para a proteção dos direitos das pessoas e instituições envolvidas. Pelo contrário, elas evidenciam que a ética deve ser construída ao longo de todo o processo de pesquisa, transcendendo a mera formalidade procedural. O consentimento livre esclarecido, portanto, fundamentou o diálogo em

todas as interações desenvolvidas com os jovens, que foram devidamente informados sobre os objetivos da pesquisa, a garantia do anonimato e o uso ético das informações fornecidas. Destaca-se ainda que o recorte etário adotado pela pesquisa excluía menores de idade, assegurando a conformidade ética.

Optamos, também, por conduzir as conversas de maneira informal, sem um roteiro de entrevista estruturado previamente e sem gravações, com o intuito de garantir maior descontração e conforto, criando um ambiente seguro para as trocas. O diálogo informal emergiu como um meio eficaz de engajamento com os participantes, contribuindo para a formulação de novas questões e para uma compreensão mais aprofundada das nuances do contexto da pesquisa. As informações fornecidas eram capturadas pelas pesquisadoras durante as conversas, que podiam ser individuais ou em grupo e, posteriormente, registradas tanto no diário de campo, quanto em uma planilha específica.

Recursos metodológicos e ampliação de possibilidades: entre diários de campo, registros fotográficos e conversas informais

Aquilo que era apreendido na paisagem era registrado nos diários de campo, buscando identificar as marcas da territorialização da juventude no espaço. Contudo, mais do que simples registro, o diário de campo pretendeu apreender o vivido e o experimentado durante as imersões no campo. Assim,

quando inauguramos um diário estamos instaurando um ato de esperança diante da experiência. Imaginamos que aquilo que viveremos será digno de nota. Almejamos manifestar em linhas a tradução do vivido. A paisagem então se redesenha na página em branco. A palavra ganha corpo. A percepção se configura às margens da folha. O atravessamento fugaz é capturado. O tempo é inscrito. A linha ganha continuidade. Uma vida digna de notas foi e é a aspiração de artistas, antropólogos, arquitetos, cientistas e poetas apreendem, organizam e recriam a matéria vertente da experiência vivida (Amaro, 2024, p. 219).

Os diários de campo aprimoram a pesquisa qualitativa em Geografia ao capturarem experiências incorporadas e práticas sociais, proporcionando uma compreensão mais qualificada das interações socioespaciais e das complexidades envolvidas na criação de lugares, territórios e do próprio espaço. Essa abordagem permite não apenas a apreensão do instante expresso na paisagem, mas também a revisão contínua da experiência, ajustando nosso olhar à medida que novas dinâmicas e contradições se desdobram.

À medida que a pesquisa avançava, o diário tornou-se instrumento crucial na construção e no aprimoramento de nossas perspectivas para o campo, auxiliando na elaboração de roteiros e estratégias para nossa inserção. Isso porque, seu uso foi um mediador reflexivo que nos permitiu o registro das “emoções momentâneas, tanto por parte do pesquisador quanto por parte dos entrevistados” e da “percepção da paisagem e a organização dos espaços de vivência” dos interlocutores da pesquisa (Venâncio; Pessoa, 2009, p. 319).

Para Cachado (2021), a principal vantagem do diário de campo é de natureza epistemológica, pois sua análise sistemática tem o potencial de aprimorar a formulação de consultas de pesquisa, facilitar a derivação de conclusões e produzir hipóteses mais robustas.

Em sua função, o diário não apenas possibilitou a identificação de novas questões e focos pertinentes à investigação, mas também orientou a construção e a adaptação contínua das abordagens metodológicas às especificidades dos jovens do Espaço Hip Hop. Por meio dele, foi possível documentar as interações informais e as dinâmicas de comunicação verbal e não verbal dos

jovens participantes dos eventos. Seu estudo, por sua vez, proporcionou uma compreensão mais profunda das mudanças e complexidades emergentes, permitindo a reavaliação constante das práticas e enfoques adotados na pesquisa. Assim, o diário de campo não apenas documenta experiências, como também auxilia na compreensão dos fenômenos culturais e sociais observados no contexto da pesquisa (Oliveira, 2014).

Ao longo da pesquisa, foram realizados dezesseis campos. Para cada campo, era feito um diário, totalizando cinquenta diários de campo, nos quais foram registradas as observações do conjunto de pesquisadoras envolvidas na investigação, ao longo de dois anos.

Inicialmente, os primeiros eventos ocorreram nos três turnos (manhã, tarde e noite), sendo posteriormente reduzidos ao período da tarde e parte da noite. Os aspectos observados em campo se apresentavam de forma dinâmica e variável ao longo do dia. As observações foram organizadas em turnos, visando apreender as nuances e mudanças ocorridas nos diferentes momentos do dia. Deste modo, dupla de pesquisadoras acompanhavam os jovens à tarde e à noite, observando e registrando as interações e as ações promovidas pelos jovens ao longo do dia de evento.

Cada uma delas registrava em seu diário de campo suas observações e impressões. Os diários não apenas relatam a história dos eventos e de seus jovens participantes, mas também documentam o próprio processo da pesquisa, tornando-se um instrumento essencial para o registro da paisagem observada e da apreensão dos fenômenos que a moldavam, configurando aquele espaço como um sistema de relações.

Os diários eram redigidos integralmente por cada pesquisadora logo após a participação nos eventos e neles eram anotados os aspectos mais relevantes, com informações precisas sendo destacadas e elencadas *in loco*. Dessa forma, possibilitava-se o desenvolvimento e a recordação dessas informações quando as pesquisadoras não estivessem mais no local da pesquisa. Cada diário, portanto, constituía um registro íntimo das experiências vividas por cada pesquisadora durante o trabalho de campo. Para Cruz Neto (2001, p. 63), o diário de campo é um “amigo secreto” onde

diariamente podemos colocar nossas percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidas através da utilização de outras técnicas. O diário de campo é pessoal e intransferível. Sobre ele o pesquisador se debruça no intuito de construir detalhes que no seu somatório vai congrega os diferentes momentos da pesquisa. Demanda um uso sistemático que se estende desde o primeiro momento da ida ao campo até a fase final da investigação. Quanto mais rico for em anotações este diário, maior será o auxílio que oferecerá à descrição e à análise do objeto estudado.

Contudo, embora nesta pesquisa os registros tenham sido individuais, refletindo as vivências de cada pesquisadora, a leitura e análise dos diários ocorreram de forma coletiva. Heller et al. (2011) enfatizam em seu artigo a importância da reflexão coletiva como estratégia para enfrentar desafios comuns e dilemas éticos encontrados em diferentes contextos de campo. As autoras propõem, como aspecto central do trabalho de campo, a prática de manter um diário crítico e reflexivo.

Assim, diferentemente da redação tradicional de um diário, que tende a ser uma atividade individual e intimista, as autoras optaram por compartilhar suas entradas de diário entre si. Essa abordagem colaborativa visou promover maior rigor metodológico em suas pesquisas e, simultaneamente, explorar as semelhanças e diferenças em suas vivências, constituindo-se como uma ferramenta valiosa para que aprimorassem tanto suas práticas de campo, quanto seus processos investigativos. Nesse aspecto, as autoras afirmam que o diário reflexivo em grupo não é apenas benéfico para a aprendizagem individual, como também serve como uma ferramenta

pedagógica capaz de incentivar uma compreensão coletiva das complexidades envolvidas na pesquisa qualitativa, melhorando, em última análise, a qualidade da pesquisa conduzida.

Da mesma forma, em nossa pesquisa, os diários foram compartilhados e discutidos coletivamente, promovendo um diálogo enriquecedor sobre as percepções e experiências individuais. Esse processo de compartilhamento foi fundamental para o desenvolvimento da pesquisa, pois permitiu não apenas a reflexão sobre os desafios e percepções individuais, mas também a construção de uma grade de análise baseada nas observações registradas.

Desse movimento, resultou a produção de categorizações que orientaram a construção teórica e a sistematização das observações e dos diálogos realizados em campo. Exemplos dessas categorizações, que auxiliaram no direcionamento da observação e da participação em campo, bem como em suas análises, incluem a estrutura e a representação do espaço sob o viaduto para os jovens; a configuração espacial do local; o hip hop; a organização dos eventos; a relação com o poder público; a manifestação dos papéis de gênero no espaço; as interações com as atrações presentes nos eventos e as interações entre os próprios jovens frequentadores.

Essas categorizações nos possibilitaram apreender, por meio do reconhecimento das grafias das juventudes na paisagem, as relações que produzem aquele espaço. Também foram os diários de campo que forneceram a base para a formulação das perguntas presentes nos roteiros das conversas feitas com os jovens frequentadores dos eventos e das entrevistas realizadas com os organizadores do coletivo.

Inicialmente, a prática de escrita *in loco* apresentou desafios, pois surgiam preocupações sobre como nossa presença e ações — como o ato de registrar — seriam percebidas pelos jovens, levando à reflexão sobre as implicações que essa prática poderia ter nas interações com o grupo. Com o tempo, compreendemos que adiar parte do processo de escrita, conforme descrito, permitia uma imersão mais aprofundada no campo, elevando a qualidade da observação e possibilitando um envolvimento maior nas dinâmicas sociais.

Dessa maneira, a cena dialógica entre pesquisadoras e sujeitos de pesquisa tornou-se um material valioso para a observação participante. Esse processo não apenas aprimorou a construção de outros recursos metodológicos, mas também forneceu subsídios para a comparação entre os relatos dos jovens e as observações do campo.

Por sua vez, a inserção em conversas informais enquanto recurso metodológico objetivou compreender o perfil dos jovens que acessam os eventos e as experiências que estes vivenciam no espaço, bem como a articulação dessas vivências com suas experiências na cidade de maneira mais ampla.

Essas interações facilitavam aos jovens a expressão, de maneira livre, de suas identidades, leituras e usos da cidade. Simultaneamente, permitiam às pesquisadoras observarem, por exemplo, como os jovens se veem em relação à cidade, de que forma a ocupação do viaduto condiciona novos usos e percepções dela e como isso influencia suas vidas e aspirações.

Para tanto, as conversas informais foram divididas em duas categorias: espontâneas e sistematizadas. Por meio das conversas espontâneas, buscamos nos atentar às falas dos jovens, compreendendo nelas fonte importante para a captação dos significados e sentidos de suas experiências e percepções no espaço, bem como de seus movimentos e tensionamentos, na medida em que forneciam uma visão mais completa e autêntica da realidade pesquisada e facilitavam uma maior aproximação aos jovens.

Autores como Sinha e Back (2013) enfatizam a importância de criar formas sociáveis de diálogo na pesquisa qualitativa. Para isso, argumentam que os métodos tradicionais de pesquisa geralmente

se concentram em extrair narrativas de forma estruturada e invasiva, em vez de promover conversas bidirecionais genuínas entre pesquisadores e participantes. Segundo os autores, essa mudança em direção ao diálogo sociável é essencial para melhorar a qualidade da pesquisa qualitativa. Portanto, a partir de uma pesquisa com jovens migrantes, os autores procuraram demonstrar como

(...) involving participants as observers and shapers of analytical dialogue can produce circulations of communication oscillating across the researcher's and participant's horizons of understanding. This produces new insight, beyond the limits of qualitative investigation, that extracts information from participants, and in so doing, has the potential to affect shifts in perception that animate and enchant experience (Sinha; Back, 2013, p. 473).

A cada vivência de campo, portanto, novas questões eram elaboradas com base nas conversas informais ocorridas no campo anterior e nas discussões coletivas entre as pesquisadoras, a partir das reflexões sobre as respostas e diálogos que emergiram durante o processo.

Já as conversas sistematizadas foram desenvolvidas com o objetivo de traçar um perfil dos jovens que frequentam as intervenções do Espaço Hip Hop. Para isso, foram elaboradas perguntas fechadas que abordavam informações relevantes, como cor e gênero autodeclarados, idade, condições de trabalho e estudo, dados sobre o bairro de residência, meio de transporte utilizado para chegar ao evento, como tomaram conhecimento da sua realização, se compareceram sozinhos ou acompanhados e a frequência com que participaram de eventos anteriores do coletivo. Também serviram para investigarmos a participação dos jovens em outros eventos de Hip Hop na cidade e seu envolvimento com coletivos, proporcionando um panorama abrangente das experiências desses jovens no contexto da cultura Hip Hop em Juiz de Fora. Todos os dados foram registrados no momento da coleta e posteriormente inseridos em uma planilha que permitia visualizar de forma organizada as informações fornecidas.

Para além de entender o perfil dos jovens frequentadores, nosso objetivo era analisar de que modo eles, ao realizarem seus trajetos para participar das ocupações, desenhavam suas territorialidades na cidade, a partir de práticas socioespaciais juvenis ligadas à cultura Hip Hop. Para isso, utilizamos também a produção de mapas, o que possibilitou a espacialização e visualização dos bairros de origem dos jovens, incorporando e articulando elementos de raça, gênero e idade em sua elaboração.

Esta cartografia serviu ainda para que o coletivo Espaço Hip Hop tivesse uma visão mais clara da abrangência de suas ações sobre o território de Juiz de Fora, permitindo que eles vislumbassem a capacidade de mobilização e atração que exercem sobre jovens de distintos perfis e diversas partes da cidade. A cartografia produzida tornou-se não apenas um instrumento de análise da pesquisa, mas também um recurso apropriado pelo próprio coletivo, utilizado nas disputas com o poder público e na busca por recursos, corroborando a ideia de que o mapa é um instrumento de poder, capaz de fornecer conhecimentos e informações que oferecem vantagens nas disputas de poder (Lacoste, 1988).

Aliados ao diário de campo, às conversas informais e à cartografia, os registros fotográficos enriqueceram a pesquisa qualitativa ao fornecer fontes de dados ricas e detalhadas, coletando interações e expressões que frequentemente escapavam à descrição textual. Na Geografia, a fotografia desempenha um papel crucial na compreensão das relações espaciais e da dinâmica territorial. Como ressalta Moura (2018, p. 48), "a fotografia é uma fonte de conhecimento geográfico por possuir uma dimensão espacial." Sua integração à pesquisa não apenas enriquece as metodologias qualitativas, mas também oferece uma perspectiva diferenciada, permitindo a análise e interpretação de paisagens, com o intuito de apreender o espaço.

Gomes e Ribeiro (2013) enfatizam a relação histórica entre imagens e Geografia, argumentando que as imagens servem como ferramentas para a percepção e compreensão do mundo, em vez de serem meramente ilustrações ou exemplos. Nesse sentido, não devem ser tratadas como elementos secundários, mas sim como componentes primários que aprimoram a compreensão e contribuem para o pensamento geográfico, a leitura da paisagem e a captura do espaço. Para Gomes e Berdoulay (2018, p. 371), a pergunta central a ser feita é: “o que aquela imagem nos faz ver?”

Os registros fotográficos revelaram nuances e particularidades do espaço e das interações que nele ocorriam, proporcionando uma compreensão mais abrangente e integrando-se aos dados existentes para as construções teóricas. A análise desses materiais possibilita alcançar um entendimento mais preciso das transformações do vão do viaduto, da diversidade de frequentadores e das práticas realizadas durante os eventos ao longo do tempo, indicando múltiplas formas de acessar e interpretar as complexidades e dinâmicas da realidade vivenciada.

Esses registros permitiram, por exemplo, a visualização das alterações estruturais e das adaptações realizadas para acomodar as diversas modalidades e expressões culturais: a inclusão, adição e remoção de *graffitis* nas pilastras, muros e paredes, as mudanças no espaço à medida que a configuração espacial do local se alterava e as contradições relacionadas ao uso do espaço durante os eventos, incluindo como as práticas nos dias sem atividades reverberavam nos dias de eventos. Também foram observadas a qualidade do envolvimento dos jovens nas práticas culturais e artísticas, a diversidade entre os frequentadores e a identificação daqueles cuja presença era constante, além das variações na quantidade de participantes e nas modalidades de intervenção ao longo do tempo.

Os exemplos apresentados evidenciam que “a força das imagens está na distância que conseguimos obter através delas, no potencial de reflexividade que elas nos oferecem” (Gomes; Berdoulay, 2018, p. 371). Esse afastamento não se limita ao plano físico; ele abrange também dimensões emocionais e cognitivas, permitindo ao observador uma visão mais crítica e reflexiva sobre o que está sendo representado. Essa capacidade das imagens de mediar a experiência transforma a relação entre o espectador e aquilo retratado, proporcionando uma oportunidade ampliada para reflexão e interpretação profunda do conteúdo.

Assim, o distanciamento oferecido pelas imagens não apenas enriquece a percepção, mas também promove uma consciência reflexiva que, muitas vezes, pode estar ausente na experiência imediata. Essa nova perspectiva é fundamental para o entendimento das complexidades que permeiam as interações sociais e culturais, possibilitando uma leitura mais rica e nuançada do espaço e das dinâmicas que nele se desenrolam. Ao integrar imagens na pesquisa, não apenas ampliam-se as ferramentas analíticas, mas também se fortalece a narrativa da experiência humana, criando um espaço de diálogo e interpretação que ressoa com a realidade vivida dos indivíduos que experienciam esses contextos. Nesse sentido, os registros visuais desempenham um papel crucial ao documentar as interações, os usos e as expressões culturais que emergiram naquele espaço.

Nessa perspectiva, também por meio dos registros visuais da paisagem, foi elaborado um inventário dos *graffitis* existentes no baixo do viaduto, o qual revelou o processo de territorialização dos jovens e da cultura Hip Hop (Cassab, 2025b). A metodologia do inventário, se afirmou como uma memória viva das práticas e da criatividade juvenil, que tornam aquele local um espaço vivido e apropriado pela juventude. Produzido em colaboração com membros do coletivo Espaço Hip Hop, ele visou preservar os registros dessas grafias na cidade e contribuir para a memória da presença das juventudes, assim como para a história de formação, ocupação e consolidação daquele território e do próprio movimento, que tem reivindicado o vão como um espaço cultural, político e juvenil em Juiz

de Fora. Em agosto de 2025 todos os *graffitis* catalogados no inventário foram substituídos por novos, reforçando sua importância como registro desta memória.

As metodologias qualitativas e as ferramentas reflexivas assinaladas revelaram-se fundamentais para levantar informações e registros sobre as práticas juvenis no vão do viaduto Hélio Fadel, oferecendo indícios significativos para a compreensão das dinâmicas socioespaciais em curso. Embora não tenhamos desenvolvido neste artigo uma análise de correlação detalhada desses elementos, consideramos que o percurso metodológico construído permitiu visibilizar processos de apropriação, territorialização e sociabilidade que configuram a base para análises futuras mais aprofundadas sobre as complexas dinâmicas juvenis no espaço urbano.

Indícios da aplicação metodológica: evidências da agência espacial juvenil

Embora o foco central deste artigo recaia sobre a construção metodológica, entende-se que a eficácia de um percurso de pesquisa é atestada pelos resultados que ele possibilita produzir. Assim, ainda que sem a profundidade analítica devida a um artigo de resultados, é crucial sinalizar o que a abordagem participativa e reflexiva aqui detalhada permitiu apreender sobre a agência espacial juvenil. A aplicação articulada das ferramentas metodológicas revelou camadas da experiência que frequentemente escapam aos métodos tradicionais, oferecendo evidências concretas de como os jovens produzem território, significado e centralidade na cidade⁴.

Em primeiro lugar, o inventário colaborativo de grafites, longe de ser um mero exercício de catalogação, mostrou-se um instrumento potente para decodificar a paisagem como um texto espacial. Através dele, foi possível demonstrar que as marcas visuais não são aleatórias, mas compõem uma narrativa visual coletiva de apropriação e resistência. Deste modo, o Inventário apontou para os *graffitis* como estratégias de territorialização da juventude na cidade onde cada *tag*, desenho e assinatura foi apreendido como expressão material de práticas espaciais que transformam um espaço de passagem (um "espaço-morto" potencial) em um território de pertencimento juvenil. O inventário evidenciou, os *graffitis* como estratégias de territorialização da juventude na cidade, revelando "em sua dimensão comunicativa, os lugares partilhados e as experiências particulares e singulares vividas pelos jovens" e "compondo a estratégia acionada por eles para tornarem um local potencialmente hostil da cidade em um território de encontros, festa, visibilidade, autonomia e existência deixando no espaço e em sua paisagem as grafias de sua presença" (Cassab, 2025c, p. 218).

Em segundo lugar, a observação participante atenta, potencializada pelos registros fotográficos e diários de campo coletivos, capturou dimensões não verbalizadas e corporificadas das dinâmicas socioespaciais. O exemplo mais vívido foi a captura da linguagem corporal nas batalhas de *breaking*. A pesquisa pôde registrar como o corpo jovem, majoritariamente negro, em movimento, torna-se veículo de conhecimento e comunicação de histórias de resistência, enfrentamento e criatividade. Através dos movimentos coreografados, os dançarinos compartilham uma herança cultural, preservam tradições e desafiam normas sociais, expressando uma linguagem coletiva poderosa. Da mesma forma, a formação orgânica de "rodas" de sociabilidade por afinidade e os movimentos táticos de ocupação do espaço durante os eventos são práticas efêmeras que, por sua natureza corporal e situada, dificilmente seriam capturadas ou evocadas em entrevistas formais. Foram os diários de campo e as fotografias que permitiram fixar e refletir sobre essas microgeografias do encontro.

⁴ Para uma maior discussão e aprofundamento, ver Cassab (2025, 2025c).

Por fim, a cartografia dos deslocamentos, construída a partir das conversas sistematizadas, revelou um padrão espacial significativo: a constituição de fluxos de mobilidade, onde jovens de diversas periferias convergem para o centro da cidade. Este movimento desenha no tecido urbano uma geografia de centralidade cultural alternativa. Ao ocuparem e redefinirem simbolicamente a centralidade, esses jovens configuram uma estratégia dupla: de reivindicação do direito à cidade e de afirmação de identidades coletivas periféricas. Essa cultura, rica em expressão artística e crítica social, permite-lhes (re)imaginar e reivindicar o uso dos espaços públicos, transformando o centro em um território de encontro, pertencimento e resistência (Pires; Rodrigues; Cassab, 2024).

Estes breves exemplos evidenciam como a articulação metodológica proposta, participativa, reflexiva e sensível ao posicionamento geracional, foi capaz de operacionalizar conceitos geográficos abstratos, como território, paisagem e produção do espaço, por meio da geração de dados concretos, ricos e densos. A metodologia mostrou-se, assim, não um fim em si mesma, mas um caminho fértil para iluminar a potência da agência espacial juvenil na transformação contínua da cidade.

Considerações finais

A pesquisa que originou este artigo buscou analisar as práticas socioespaciais de jovens a partir de sua ocupação do viaduto Hélio Fadel, iniciando pelo registro das marcas de sua presença na paisagem do vão do viaduto. Este primeiro passo foi fundamental não apenas para documentar os elementos constitutivos do local, mas também para estabelecer uma relação de confiança com o grupo. À medida que aprofundamos nossa imersão e consolidamos os laços com os jovens, ampliamos nossa abordagem metodológica para capturar a constituição do território juvenil através da identificação de marcadores territoriais que evidenciassem tanto a presença da cultura hip hop, quanto suas complexas inter-relações. Ferramentas como registros fotográficos, diários de campo e conversas informais revelaram-se cruciais para desvendar as disputas, tensões e negociações que moldavam aquele território, permitindo-nos avançar em uma leitura espacial mais densa e significativa.

Neste artigo, optamos por focalizar o percurso metodológico que tornou possíveis tais descobertas, com o objetivo de enfatizar a importância das metodologias qualitativas e participativas como condição essencial para investigar as dinâmicas urbanas articuladas pelas juventudes. Ao envolver os jovens como sujeitos ativos do processo de investigação, transcendemos as limitações das abordagens tradicionais, que frequentemente os reduzem a categorias preestabelecidas. Essa opção, contudo, trouxe consigo desafios éticos e práticos significativos, particularmente no que diz respeito à negociação de nossa presença em campo e à construção de uma confiança mútua. Esse processo foi facilitado, em parte, pelo posicionamento geracional das pesquisadoras, o que permitiu operacionalizar o conceito de geração, transformando-o de categoria teórica em ferramenta efetiva de campo.

A abordagem desenvolvida representou muito mais do que a simples aplicação de técnicas de pesquisa, configurando-se como um exercício de construção dialógica de conhecimento. Sua contribuição e relevância residem na sistematização reflexiva de uma proposta metodológica que oferece um modelo aplicável a investigações com juventudes em contextos urbanos periféricos, priorizando a ética da colaboração em detrimento da extração de dados. Explicitamos o papel do posicionamento do pesquisador (neste caso, a condição geracional compartilhada) como variável metodológica central, demonstrando como ferramentas consagradas podem ser re combinadas criativamente para capturar a agência espacial produtora de território. Esta articulação metodológica

gerou *insights* analíticos sobre processos de territorialização juvenil que dificilmente seriam apreendidos por metodologias menos imersivas e participativas.

A condição juvenil compartilhada, constantemente negociada e refletida criticamente, mostrou-se fundamental para construir uma pesquisa menos extrativista e mais dialógica, capaz de apreender a complexidade das práticas espaciais de uma geração a partir de um olhar que com ela parcialmente se identifica. Reconhecer esta dimensão contribui para avançar na consolidação de uma metodologia em Geografia das Juventudes que leve a sério a dimensão relacional e posicionada da produção do conhecimento.

Assim, explicitamos este percurso metodológico para oferecer referências a outros pesquisadores dedicados aos estudos com juventudes urbanas, particularmente em contextos de cultura periférica. Este trabalho soma-se aos esforços de consolidar na geografia métodos que articulem técnicas consagradas ao protagonismo juvenil, capturando dimensões da experiência que abordagens tradicionais negligenciam. Atestamos que a principal inovação metodológica a ser consolidada na Geografia das Juventudes reside justamente na capacidade de não apenas falar sobre os jovens, mas de aprender e produzir conhecimento com e para eles, em um diálogo horizontal que transforma tanto os sujeitos pesquisados, quanto os pesquisadores.

Referências

- AMARO, Fernanda Ribeiro. O diário de campo como relato de si: por uma geoantropologia poética na obra de Carlos Rodrigues Brandão. *Campo-Território: Revista de Geografia Agrária*, Uberlândia, v. 19, n. 53, p. 218-236, abr. 2024.
- CACHADO, Rita. Diário de campo. Um primo diferente na família das ciências sociais. *Sociologia & Antropologia*, v. 11, n. 02, p. 551-572, 2021.
- CARDOSO, Fernando Carvalho; CARVALHO, Mario de Faria. Questões teórico-epistemológicas à pesquisa social contemporânea: o pesquisador, o ator social e outros aspectos. *Cadernos da Fucamp*, v. 17, n. 30, p. 187-201, 2018.
- CASSAB, Clarice. 2009. *(Re)construir utopias: jovem, cidade e política*. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2009.
- CASSAB, Clarice. 2021. "Cidade estranha, sabes que existo?" *O jovem como sujeito e a cidade que ensina*. In: FERNANDES, Maria Lídia Bueno; LOPES, Jader Janer Moreira; TEBET, Gabriela Guarnieri de C. (Org.). *Geografia das crianças, dos jovens e das famílias*. 1 ed. Brasília: Editora da UnB, v. 1, 2021.
- CASSAB, Clarice. Imagens e narrativas: uma proposta de construção de metodologia para pesquisa sobre juventudes e cidade. *Caminhos de Geografia*, Uberlândia, v. 24, n. 95, p. 145–159, 2023. DOI: 10.14393/RCG249567025.
- CASSAB, Clarice. 2025a. *Juventudes na cidade: uma experiência de pesquisa com o movimento hip-hop em Juiz de Fora*. In: OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel; VASQUES, Daniel Giordani (orgs.). *Juventudes, territórios e lazer*. Porto Alegre: UFRGS, 2025a. p. 97-118.
- CASSAB, Clarice. 2025b. *Inventário do graffiti no viaduto Arquiteto Hélio Fadel*. Juiz de Fora, MG: [s.n.], 2025b. ISBN 978-65-01-63568-2.
- CASSAB, Clarice. Práticas espaciais e grafias da juventude no espaço: Inventário dos graffiti no viaduto Arquiteto Hélio Fadel em Juiz de Fora-MG. *Plural*, v. 32, n. 1, 2025c.
- CRUZ NETO, Otávio. 2001. *Trabalho de campo como descoberta e criação*. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- FEIXA, Carles; LECCARDI, Carmen. O conceito de geração nas teorias sobre juventude. *Revista Sociedade e Estado*, v. 25, n. 2, p. 1-22, 2010.
- FEIXA, Carles. 2014. *De la generación @ a la # generación: la juventud en la era digital*. Barcelona: NED Ediciones, 2014.
- GOMES, Paulo César da Costa; BERDOULAY, Vincent. Imagens na geografia: importância da dimensão visual no pensamento geográfico. *Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografía*, v. 27, n. 2, p. 356-371, 2018.
- GOMES, Paulo Cesar da Costa; RIBEIRO, Letícia Parente. A produção de imagens para a pesquisa em geografia. *Espaço E Cultura*, n. 33, p. 27-42, 2013.
- GUILLÉN, Maria Isabel Carmañes. 2019. *Urbanidade nos baixios de viadutos possibilidades e transformações em áreas intersticiais*. In: Seminário Internacional de Investigación en Urbanismo, 11, 2019, Barcelona/Santiago. Anais... Barcelona: Universitat Politècnica de Catalunya, 2019.
- HELLER, Elizabeth; CHRISTENSEN, Julia; LONG, Lindsay; MACKENZIE, Catrina A.; OSANO, Philip M.; RICKER, Britta; KAGAN, Emily; TURNER, Sarah. Dear Diary: Early Career Geographers Collectively Reflect on Their Qualitative Field Research Experiences. *Journal of Geography in Higher Education*, v. 35, n. 1, p. 67-83, 2011.
- LACOSTE, Yves. 1988. *A geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. Campinas: Papirus, 1988.
- MAY, Tim. 2004. *Pesquisa social: questões, métodos e processos*. Porto Alegre: ArtMed, 2004.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. 2004. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 8 ed. São Paulo: Hucitec, 2004.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza; COSTA, António Pedro. Fundamentos Teóricos das Técnicas de Investigação Qualitativa. *Revista Lusófona de Educação*, v. 40, n. 40, 27 Ago. 2018.
- MOREIRA, Ruy. 2012. *Geografia e práxis: a presença do espaço na teoria e na prática geográficas*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

- MOREIRA, Ruy. 2007. *Pensar e ser em Geografia*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.
- MOURA, Rachel de Almeida. Uso da teoria da imagem fotográfica como contribuição metodológica de análise geográfica. *Espaço Aberto*, v. 8, n. 1, p. 39-52, 2018.
- OLIVEIRA, Rita De Cássia Magalhães de. (Entre) linhas de uma pesquisa: o Diário de Campo como dispositivo de (in) formação na/da abordagem (Auto) biográfica. *Revista Brasileira de Educação de Jovens e Adultos*, v. 2, n. 4, 2014.
- PIRES, Vitória Maria Hipólito, RODRIGUES, Juliane Nogueira, CASSAB, Clarice. 2024. *Juventudes e cultura urbana: uma análise do perfil dos participantes do 'Espaço Hip Hop? em Juiz de Fora*. In: V Seminário Cidade Território e Direito, 2024, Viçosa. Anais...: UFV, 2024.
- RANCI, Costanzo. 2005. *Relações difíceis: a interação entre pesquisadores e atores sociais*. In: MELUCCI, Alberto. *Por uma sociologia reflexiva: pesquisa qualitativa e cultura*. Petrópolis: Vozes, 2005.
- SINHA, Shamser; BACK, Les. Making methods sociable: dialogue, ethics and authorship in qualitative research. *Qualitative Research*, v. 14, n. 4, p. 473–487, 2013.
- TURRA NETO, Nécio. 2004. *Observação participante como metodologia de pesquisa em Geografia Cultural*. In: *Semana de Geografia: Paraná, 150 anos: Natureza e Formação Sócio-Espacial*, 13, 2004, Guarapuva. Anais... Guarapuva: UNICENTRO, 2004. p. 81-95.
- VENÂNCIO, Marcelo; PESSÔA, Vera L. S. 2009. *O diário de campo e a construção da pesquisa: registro das emoções dos sujeitos envolvidos e a reconstrução de suas histórias de vida e do lugar*. In: RAMIRES, Julio C. de L.; PESSÔA, Vera L. S. (org.). *Geografia e pesquisa qualitativa: nas trilhas da investigação*. Uberlândia: Assis, 2009. p. 317-336.